

Estudo Comparativo Entre o Grupo Focal e o Protocolo Verbal em Grupo no Aprimoramento de Vocabulário Controlado em Fisioterapia: uma proposta metodológica qualitativa-cognitiva

Comparative study between focus group and verbal protocol in group in the improvement of controlled vocabulary in Physical Therapy: a qualitative – cognitive methodological proposal

Vera Regina Casari Bocato¹

Doutora em Ciência da Informação pela UNESP, campus de Marília.
Professora Adjunta do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Estela Maris Ferreira

Graduanda em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.
E-mail: estela.maris.ferreira@gmail.com

Resumo

Identificou-se, entre o Grupo Focal e Protocolo Verbal em Grupo, qual é a técnica metodológica qualitativa de coleta de dados mais indicada na avaliação de vocabulário controlado na área de Ciências da Saúde, categoria de Fisioterapia, no contexto cognitivo dos usuários e pela perspectiva de sistema de recuperação da informação especializado. As coletas de dados com o Grupo Focal e o Protocolo Verbal em Grupo ocorreram com docentes e discentes de um Departamento de Fisioterapia de uma universidade pública brasileira na avaliação do DeCS- Descritores em Ciências da Saúde em Fisioterapia, para a busca por assunto na base de dados LILACS, da BIREME. Os resultados demonstraram que tanto o Grupo Focal quanto o protocolo verbal em grupo obtiveram um desempenho satisfatório na avaliação do DeCS- Descritores em Ciências da Saúde, categoria de Fisioterapia, porém com uma relevância maior apontada para o Grupo Focal. Em conclusão, realizou-se uma proposta metodológica qualitativa-cognitiva de coleta de dados, nomeada de “Protocolo Focal”, indicada no uso de estudos de avaliação de vocabulários controlados em Ciências da Saúde.

Palavras-chave: Grupo Focal. Protocolo Verbal em Grupo. Vocabulário Controlado. Fisioterapia. Proposta metodológica qualitativa – cognitiva.

Abstract

It was identified, between the focus group and verbal protocol in group, which qualitative methodological technique for data collections in the most appropriate for controlled vocabulary evaluation in the Health Sciences area, Physical Therapy category, in the cognitive context of users and in the perspective of specialized information retrieval system. The data collections with the focus group and verbal protocol in group occurred with teachers and students of a Physical Therapy Department of a Brazilian public university in the evaluating the DeCS-Health Sciences Descriptors in Physical Therapy to the subject search in the LILACS database. The results demonstrated that both the focus group and the verbal protocol in group achieved a satisfactory performance in the evaluation of DeCS- Health Sciences Descriptors, Physical Therapy category, but with a greater relevance to the focus group pointed. In conclusion, we carried a qualitative- cognitive approach methodological proposal of data collection, named "Focal Protocol", indicated the use of evaluation studies of controlled vocabularies in Health.

Keywords: Focus group. Verbal protocol in group. Controlled vocabulary. Physical Therapy. Qualitative - cognitive methodological proposal.

¹ A autora faleceu em 11/12/13 em consequência de uma Leucemia. Agradecemos ao marido a cessão do direito de publicar este trabalho enviado pela autora ainda em vida.

Introdução

Ao iniciarmos este estudo acerca das metodologias e técnicas qualitativas – cognitivas de coletas de dados, julgamos necessário conceituar o método científico pautado em estudos da área de Ciência da Informação.

O método científico, subsidiado por Valentim (2005, p. 17), é um conjunto de regras básicas, técnicas e instrumentos empregados em uma investigação, visando nortear o pesquisador na condução sistemática do estudo a ser desenvolvido, com o intuito de auxiliá-lo na compreensão e descrição do objeto de pesquisa para a obtenção de resultados os mais verdadeiros quanto possíveis.

Ele engloba diferentes abordagens, destacando-se a dedutiva, a indutiva, a hipotético-dedutiva e a dialética. Tais abordagens estão relacionadas com o tipo de pesquisa a ser desenvolvida, caracterizadas pelas metodologias quantitativa, qualitativa e qualitativa-quantitativa (quali-quantum).

Especificando a metodologia qualitativa, também denominada de abordagem qualitativa e pesquisa qualitativa, ela trabalha com o universo de interpretações, significados, crenças, valores e atitudes, apresentando estreitas relações com os fundamentos teórico-conceituais advindos do paradigma cognitivo da área de Ciência da Informação, demonstrando a mudança da visão fisicista para a cognitiva, sinalizando o desenvolvimento dos estudos de avaliação com abordagem cognitiva, isto é, centrados no usuário.

A abordagem cognitiva refere-se

[...] aos estudos que consideram o conhecimento humano individual, tanto sob ponto de vista de processamento quanto de representação, como parâmetro para análise e elaboração de teorias e metodologias. O foco, portanto, é a cognição – o processo de conhecer humano que oferece uma perspectiva de investigação a partir da compreensão do processamento e da representação. (FUJITA; CERVANTES, 2005, p. 30).

Na metodologia qualitativa com abordagem cognitiva, o pesquisador observa as opiniões emitidas e as impressões expressas pelos sujeitos participantes da pesquisa a partir do uso de técnicas de coletas de dados que possibilitam tais ações, com destaque para o Grupo Focal e o Protocolo Verbal.

O Grupo Focal promove a interação entre os sujeitos participantes e o pesquisador, visando coletar dados mediante a realização de discussão focada sobre tópicos específicos e diretivos com os objetivos de pesquisa.

Sobre o Protocolo Verbal, Boccato (2009, p.140) expõe que é “[...] uma técnica que consiste na gravação da exteriorização verbal do pensamento de um ou mais indivíduos durante a realização de uma tarefa”.

Nesse contexto, observamos a aplicação do Grupo Focal e do Protocolo Verbal em pesquisas qualitativas – cognitivas sobre o uso de linguagens documentárias na busca por assunto em sistemas de recuperação da informação (BOCCATO; FUJITA, 2006; CONNAWAY; JOHNSON; SEARING, 1997), com a finalidade de se verificar o desempenho desses sistemas de organização do conhecimento, tendo em vista o seu aprimoramento para a representação e a recuperação precisa da informação.

Notamos, assim, que a escolha do método, do delineamento do tipo de pesquisa e das técnicas de coletas de dados empregadas são fundamentais para o alcance de resultados verídicos e condizentes com a proposta de pesquisa estabelecida.

Diante do exposto, este estudo tem por objetivo identificar, entre o Grupo Focal e Protocolo Verbal na modalidade em Grupo, qual a técnica metodológica qualitativa de coleta de dados mais indicada na verificação sobre a necessidade de aprimoramento de vocabulário controlado na área de Ciências da Saúde, categoria de Fisioterapia, no contexto do cognitivo dos usuários e pela perspectiva de sistema de recuperação da informação especializado.

O grupo focal e o protocolo verbal em grupo como metodologias qualitativas – cognitivas de avaliação de vocabulários controlados

A metodologia qualitativa aplica-se na realização de pesquisas exploratórias, objetivando investigar em maior profundidade o problema estudado e a elaboração de hipóteses, tendo em vista o aprimoramento de ideias, serviços e produtos.

Ela arrola quatro princípios, nomeados por nós e definidos por Tanaka e Melo (2004, p. 39): 1) subjetivação: descrição de significados que são socialmente construídos; 2) contexto e interação: valorização do contexto social com ênfase nas interações entre os sujeitos participantes e o pesquisador; 3) estruturação: a coleta de dados qualitativa possibilita a

obtenção de respostas semi-estruturadas ou não estruturadas; 4) particularização: as técnicas de análise de dados são indutivas - orientadas pelo processo - e os resultados não generalizáveis, e sim, representativos de um universo particular de sujeitos participantes.

Ressaltamos, que a prerrogativa do uso da metodologia qualitativa não se resume apenas ao emprego das técnicas e instrumentos de coleta de dados - questionários, entrevistas, observação participante (*sense making*, grupo focal, protocolo verbal), pesquisa documentária, pesquisa bibliográfica, registros institucionais/análise documentária, entre outros. Para a adoção de tal metodologia, devem ser considerados o problema, os objetivos, o universo e o objeto de pesquisa, além da verificação das vantagens e desvantagens de sua aplicação, conforme apresentadas no Quadro 1:

QUADRO 1: Vantagens e desvantagens na adoção da metodologia qualitativa.

METODOLOGIA QUALITATIVA	
Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Permite interação; • considera a subjetividade dos sujeitos; • permite compreender resultados individualizados; • permite compreender a dinâmica interna de programas e atividades; • permite compreender múltiplos aspectos dos programas e/ou serviços; • permite avaliar resultados difusos e não específicos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode conduzir a uma excessiva coleta de dados; • depende de uma capacidade maior de análise por parte do avaliador; • as técnicas de análise de dados são indutivas; • não possibilita a generalização dos resultados para toda a comunidade (validade externa).

Fonte: Adaptado de Tanaka e Melo (2004, p. 75).

A metodologia qualitativa possibilita descrever a complexidade existente em uma determinada hipótese de pesquisa, entender situações criadas e experimentadas por grupos sociais, visando contribuir com o processo de mudança, na formação de opiniões e na compreensão dos aspectos psicológicos dos indivíduos integrantes desses grupos.

Nessa perspectiva, os estudos que utilizam a metodologia qualitativa com abordagem cognitiva evidenciam a subjetividade da atividade mental presente na atuação profissional dos bibliotecários e dos usuários, demonstrada a partir de ações que proponham revelar aspectos implícitos nas estruturas de conhecimento desses profissionais e usuários (DAL'EVEDOVE; FUJITA, 2008).

A técnica de coleta de dados denominada Grupo Focal (GF), identificada também por grupo de foco ou entrevistas de grupo focal, foi empregada inicialmente na área de Sociologia, em 1926, com o estudo pioneiro de Bogardus na realização de uma coleta de

dados junto aos alunos de uma escola, motivando-os, assim, a expressarem suas ideias. O resultado foi a percepção que Bogardus teve sobre a riqueza das discussões realizadas pelo grupo, comparando-as com as entrevistas individuais realizadas (DI CHIARA, 2005, p. 104).

Na década de 1950, tal técnica teve destaque na área de *Marketing*. Sobre isso, Caplan (1990) expõe que os grupos focais são pequenos grupos de pessoas reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas, constituindo-se em um instrumento comum utilizado em pesquisas mercadológicas para a determinação das reações dos consumidores a novos produtos, serviços e mensagens promocionais.

Nas perspectivas de Morgan (1997), GF é uma técnica de pesquisa qualitativa que permite coletar dados a partir das interações grupais ao se discutir um tópico proposto pelo pesquisador. Pode ser identificado também como um recurso para compreender o processo cognitivo, de construção das percepções, as atitudes e representações sociais de grupos humanos.

O GF é composto por grupos de pessoas que se reúnem para discutir um tópico específico, um problema ou serviço definido. Na literatura não há um consenso sobre o número ideal de sujeitos em Grupos Focais. Fraser e Restrepo-Estrada (1988) indicam entre sete e doze, Oliveira e Freitas (1998) entre seis e dez, Bauer e Gaskell (1999) de seis a oito e Minayo (2004) entre de seis a doze pessoas. Participam, também, um moderador que coloca as questões do roteiro, um observador e um relator. A interação do grupo também é um dado da pesquisa a ser considerado e não simplesmente o processo de pergunta e resposta. A finalidade da aplicação da técnica de coleta de dados do grupo focal em pesquisas qualitativas-cognitivas é gerar ideias e suscitar opiniões, atitudes e perspectivas dos sujeitos participantes.

Entendemos que os usuários participantes do GF têm por princípio que o esforço conjunto das pessoas reunidas produz mais informações com maior diversidade, profundidade e riqueza de detalhes de respostas do que a somatória de respostas individuais recuperadas com a aplicação de técnicas individuais de coleta de dados.

A partir de 1980, o GF começou a despertar o interesse de estudiosos das demais áreas do conhecimento, exemplificadas pela Administração, Educação, Psicologia, Ergonomia e Ciências da Saúde (GATTI, 2005).

No campo da Ciência da Informação, Hermon e Altman (1998) relatam que nas bibliotecas a técnica do GF pode ser vista como uma forma de reunir as pessoas para discutirem sobre um produto, serviço ou um assunto. As bibliotecas podem utilizá-la para obter *insights* das expectativas dos usuários, analisar a disponibilidade dos bibliotecários em atender essas expectativas e segui-las, e na habilidade para recuperar usuários considerados reais e atrair os potenciais. Entretanto, para sua aplicação, devem ser consideradas suas vantagens e desvantagens, conforme apresentadas no Quadro 2:

QUADRO 2: Vantagens e desvantagens da aplicação do Grupo Focal.

Vantagens	Desvantagens
* Sinergia do grupo; * interação entre entrevistados (enriquece respostas); * flexibilidade na condução do roteiro; * profundidade e qualidade das verbalizações e expressões.	* Controle reduzido do moderador sobre dados gerados; * pode não refletir comportamento natural (laboratório); * influência de opiniões; * não é aplicável à pesquisas quantitativas.

Fonte: Adaptado de Barros e Duarte (2006, p. 180-192).

O GF possui procedimentos metodológicos previamente definidos que, adaptados de Gomes e Barbosa (1999) e de Leitão (2005), compreendem oito etapas:

1. Seleção da equipe de aplicação do GF: moderador, observador e relator. O moderador, geralmente o pesquisador, terá a função principal de conduzir as discussões, auxiliado por um observador que ficará atento à conduta do grupo, anotando os acontecimentos – chaves (verbais e não verbais) expressos e emitidos pelos sujeitos participantes. O relator anotar os principais pontos discutidos para servir de base ao moderador no momento da análise dos dados coletados.
2. Seleção dos participantes: os sujeitos de pesquisa devem ser homogêneos, preferencialmente oriundos de uma mesma atividade acadêmico - profissional.
3. Estrutura física para realização do GF: determinação de local, dia e horário para a realização da coleta de dados.
4. Elaboração do roteiro de discussão: definição dos tópicos de discussão de acordo com os objetivos de pesquisa estabelecidos.
5. Viabilidade orçamentária: planejamento dos custos necessários para a realização da coleta de dados;
6. Condução da pesquisa: realização da abertura da sessão e a acomodação do grupo para o desenvolvimento da discussão;

7. Registros da discussão: as falas são gravadas e/ou filmadas para a posterior transcrição e análise dos dados.
8. Análise dos dados: *leitura das citações dos participantes para a identificação de trechos relevantes para a análise qualitativa dos dados; *construção de categorias de análise; *volta aos dados para retirar trechos da discussão que exemplificassem cada categoria.

A técnica de coleta de dados conhecida como protocolo verbal ou “pensar alto” (*think aloud*) também faz-se presente no âmbito das metodologias qualitativas com abordagens cognitivas, visto que as atitudes e opiniões emitidas pelo usuário devem ser consideradas de suma importância para o aprimoramento dos processos documentários de tratamento temático e de recuperação da informação, com destaque para as linguagens documentárias utilizadas nos sistemas de recuperação da informação.

Segundo Fujita (2009, p. 51), o protocolo verbal,

[...] consiste em analisar todo processo de verbalização do participante enquanto realiza sua atividade, com o mínimo de interação com o pesquisador. Essa exteriorização é gravada e transcrita literalmente, produzindo protocolos verbais. Protocolos são, geralmente, definidos como relatos verbais dos processos mentais conscientes dos informantes.

Os trabalhos pioneiros de Ericsson e Simon (1987), com a utilização da técnica introspectiva do protocolo verbal na observação da atividade de leitura, revelaram resultados promissores para os estudos de observação. Outros pesquisadores colaboram para o desenvolvimento e aplicação dessa técnica não só no campo da Ciência da Informação, como também em outras áreas do conhecimento como a Ciência da Computação, Psicologia, Linguística, entre outras. Sobre a introspecção, Cavalcanti (1989), citado por Fujita (2009, p. 52) afirma ser

um exame de processos mentais do qual o sujeito promove uma análise de seu próprio processo de pensamento. À medida que o sujeito realiza uma tarefa, verbaliza como resolve os problemas em relação ao vocabulário e à compreensão das ideias principais do texto.

Diante do exposto, Boccato (2009, p. 102) expõe que

A técnica introspectiva do protocolo verbal é utilizada em estudos de avaliação qualitativa-cognitiva onde os sujeitos, em voz alta, expressam o que pensam e o que ocorre em suas mentes durante a execução de uma tarefa. Essas declarações são gravadas, observando-se também o comportamento dos sujeitos, como expressões faciais (gestos e movimentos dos olhos). Dessa maneira, a linguagem do pensamento realiza muitos processos cognitivos como a percepção e o raciocínio.

Segundo Cohen (1987), citado por Boccato (2009, p. 102), as técnicas introspectivas são “medidas mentalísticas” apresentando-se sob três formas básicas:

[...] O auto-relato refere-se a declarações dos indivíduos sobre como acreditam que realizam certas tarefas, fornecidas em situações independentes da situação de realização efetiva da tarefa em questão. A auto-observação refere-se a inspeções de comportamentos específicos durante a realização de uma tarefa ou enquanto a informação ainda está sob o foco da atenção [...] ou após o evento, retrospectivamente. A auto-revelação não é nem descrição nem inspeção de comportamentos específicos; é um ‘pensar alto’ durante a realização da tarefa; o pensamento é direta e automaticamente externalizado; os dados são obtidos sem análise nem edição.

Nesse mesmo contexto de avaliação dos processos mentais que ocorrem com o sujeito no momento da realização de uma determinada tarefa, o estudioso dinamarquês Peter Ingwersen (1982) foi um importante colaborador na área de Ciência da Informação, com o desenvolvimento de pesquisas no contexto da recuperação da informação por meio da adoção de metodologia qualitativa-cognitiva com a utilização da técnica do protocolo verbal como instrumento de coleta de dados.

No Brasil, entre vários estudos com o emprego do protocolo verbal, a dissertação de mestrado de Nardi (1993) abriu a possibilidade de uso de uma técnica de coleta de dados, também, para a observação da leitura documentária dentro do grupo de pesquisa Análise Documentária, liderado, na época, pela Profa. Dra. Mariângela Spotti Lopes Fujita². Com isso, a pesquisa pioneira desenvolvida por Fujita, Nardi e Fagundes (2003), na observação da leitura documentária, apresentou resultados importantes no uso do Protocolo Verbal, demonstrando novos aspectos da leitura documentária entre outras contribuições.

Na atualidade, o grupo de pesquisa Organização do Conhecimento para Disseminação da Informação³ também vem desenvolvendo pesquisas com a utilização da técnica do protocolo verbal na avaliação de linguagens documentárias e de catálogos on-line de bibliotecas universitárias (BOCCATO; VITORINI, 2011, BISCALCHIN; BOCCATO, 2011, SILVA; BOCCATO, 2012) e na identificação de elementos para a construção de uma política de indexação de *clippings* de coordenadorias de comunicação social (KOCHANI; BOCCATO; RUBI, 2011).

² Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisas no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e liderado atualmente pelo Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330607CJE8MVR>. Acesso em: 28 out. 2012.

³ Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisas no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e liderado pela Profa. Dra. Vera Regina Casari Boccato. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0335607U5FMW8H>. Acesso em: 28 out. 2012.

Com a utilização da técnica do protocolo verbal, os usuários “pensam em voz alta”, emitindo suas opiniões e comentários acerca do objeto avaliado, realizando uma avaliação cooperativa e participativa: usuários participam da identificação e entendimento de problemas de recuperação da informação e utilização do sistema no seu próprio ambiente de trabalho.

Existem duas modalidades de protocolo verbal: o Protocolo Verbal Individual (PVI) e o Protocolo Verbal em Grupo (PVG). O PVI apresenta-se sob duas formas; 1) protocolo verbal com interação em que o pesquisador pode auxiliar o participante no momento da realização da tarefa e; 2) protocolo verbal sem interação onde durante a realização da tarefa não pode haver interação entre o sujeito participante e o pesquisador (TARTAROTTI, BOCCATO; RUBI, 2012).

Sobre o PVG, a pesquisa de Nardi (1999), realizada na área da Linguística Aplicada, adaptou o protocolo verbal individual para a “[...] investigação com grupos de pessoas envolvendo eventos de leitura realizada colaborativamente para observação da cognição socialmente construída, denominando-o protocolo verbal em grupo” (BOCCATO, 2009, p. 140).

O PVG, conhecido também por “leitura como evento social”, consiste na união de pessoas (grupos) para a leitura e discussão de um determinado texto. Sua abordagem é vista como evento social e cultural, pois permite a interação do grupo por meio do texto-base, escolhido previamente de acordo com os objetivos de pesquisa, a fim de juntos, constituírem um significado. A literatura não aponta um número padrão de sujeitos no protocolo verbal em grupo, porém observamos nos estudos realizados por Rubi (2004), Fujita (2009) e Kochani, Boccato e Rubi (2011) uma variação que compreende entre quatro a seis participantes.

Diferentemente do PVI, no PVG o pesquisador interage com os participantes a ponto de guiar as discussões. Tal qual o GF, o PVG também apresenta vantagens e desvantagens em sua aplicação, apresentadas no Quadro 3:

QUADRO 3: Vantagens e desvantagens da aplicação do protocolo verbal em grupo.

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> * Única técnica de coleta de dados que permite observar processos do sujeito/leitor de pesquisa durante a compreensão de um texto; * pelo fato dos dados coletados pelo protocolo verbal serem produzidos concomitantemente à atividade de leitura de um texto, eles relacionam-se diretamente ao processo de compreensão; * permite a validação natural dos dados, pois proporciona uma completa liberdade aos sujeitos, na escolha de suas estratégias, selecionando partes do texto que consideram relevantes enquanto realizam uma atividade de leitura; * o sujeito/leitor proporciona dados muito mais explícitos e completos do que simplesmente comentários, após a atividade de leitura do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> * Dificuldades em conseguir participantes quando estes devem obedecer a critérios muito específicos; * dificuldade do sujeito/leitor em realizar duas atividades simultaneamente: leitura e fala; * relatar o processo de leitura pode alterar os processos de pensamento do sujeito e, indiretamente, o desempenho da tarefa; * os relatos verbais podem produzir um registro incompleto dos processos cognitivos; * não podem ser realizadas generalizações dos dados produzidos pela introspecção, pois os sujeitos revelam experiências, opiniões únicas e conhecimentos prévios individuais.

Fonte: Adaptado de: Nardi (1993), Fujita, Nardi e Fagundes (2003), Fujita (2008).

O desenvolvimento do PVG também segue procedimentos metodológicos, consolidados por pesquisadores da área de Ciência da Informação (RUBI, 2004, p. 44-53), envolvendo três etapas:

1. Procedimentos anteriores à realização da sessão de coleta de dados: *definição do universo da pesquisa; *seleção dos sujeitos participantes; *seleção do material escolhido para a leitura, *definição da tarefa de pesquisa.
2. Procedimentos durante a sessão de coleta de dados: *gravação da discussão do texto pelo grupo de sujeitos participante.
3. Procedimentos posteriores à realização da sessão de coleta de dados: *transcrição dos dados na íntegra com identificação das fontes das falas individuais; *leitura detalhada dos dados em busca de fenômenos significativos e recorrentes para construir categorias de análise;*construção de categorias de análise; *volta aos dados para retirar trechos da discussão que exemplificassem cada fenômeno, cada categoria.

Diante dos referenciais teóricos apresentados, podemos delinear, por meio do Quadro 4, as semelhanças e as diferenças existentes entre o grupo focal e o protocolo verbal em grupo.

QUADRO 4: Semelhanças e as diferenças existentes entre o grupo focal e o protocolo verbal.

Grupo Focal	Protocolo Verbal em Grupo
<ul style="list-style-type: none"> * Grupos, em média, de 6 a 12 pessoas; * discussão de um tópico específico sobre um tema, serviço ou problema; * interação do grupo é um dado de pesquisa; * as conversas são gravadas e/ou filmadas; * gerar ideias, opiniões, atitudes e perspectivas; * participação de um moderador, auxiliado por um observador e um relator. 	<ul style="list-style-type: none"> * Grupos, em média, de 4 a 6 pessoas; * sujeitos, em voz alta, expressam o que pensam e o que ocorre em suas mentes durante a leitura de um texto ou na execução de uma tarefa específica; * as declarações são gravadas, observando-se também, quando necessário, o comportamento dos sujeitos como expressões faciais (gestos e movimentos dos olhos); * gerar/emitir ideias, opiniões, atitudes e perspectivas; * o pesquisador desempenha a participação passiva, ativa ou moderada; * modalidade individual ou em grupo: participação do pesquisador enquanto observador.

Fonte: Boccato, (2010)

Ressaltamos que tanto o GF quanto o PVG podem ser utilizados isoladamente ou combinados com outras técnicas de coletas de dados qualitativas ou quantitativas para o conhecimento profundo sobre as necessidades dos usuários.

Com isso, vimos que os estudos de avaliação de linguagens documentárias com o uso de metodologia qualitativa com abordagem cognitiva permitem verificar as opiniões, atitudes e o comportamento dos sujeitos participantes em relação à atividade desempenhada e analisada, contribuindo para o alcance de resultados relevantes para o aprimoramento de sistemas de organização do conhecimento, exemplificado pelo DeCS-Descritores em Ciências da Saúde.

O DeCS como linguagem de representação e recuperação da informação científica em Fisioterapia

A Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), de responsabilidade da BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde tem contribuído significativamente com o desenvolvimento e a sistematização de “[...] metodologias, tecnologias, produtos e serviços [inovadores] e informação, conhecimento e evidência científica nos sistemas de pesquisa, educação e atenção à saúde, de acordo com as condições sociais, econômicas e culturais da [...] América Latina e Caribe” (BIREME, [201-?], grifo nosso).

O vocabulário controlado DeCS-Descritores em Ciências da Saúde é uma linguagem documentária trilingue (inglês, português, espanhol) utilizada na indexação e recuperação da literatura científico-técnica nas fontes de informação disponíveis na BVS como as bases de dados LILACS e MEDLINE.

Sua base terminológica é composta dos termos em língua inglesa, originários do *MeSH – Medical Subject Headings*, elaborados pela *United States National Library of Medicine (US NLM)*, traduzidos e adaptados também para os idiomas português e espanhol, na construção de um sistema de organização do conhecimento, disponibilizado para consulta e uso nas ordens alfabética, hierárquica e permutada. Também integram o DeCS, os termos das categorias de Saúde Pública, Homeopatia, Ciência e Saúde e Vigilância Sanitária que não fazem parte do *MeSH*. O sistema nocional do Vocabulário DeCS é composto por vinte categorias, com termos organizados em estruturas lógicas e semânticas (BIREME, [2011?], [201-?], NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE, 2013).

Com relação à área deste estudo, o termo Fisioterapia encontra-se hierarquizado dentro da Categoria Disciplinas e Ocupações, subordinado ao termo Ocupações Relacionadas com Saúde e, este por sua vez, subordinado ao termo Ocupações em Saúde. Além disso, e uma vez o DeCS não possui uma categoria específica para a Fisioterapia, seus termos estão também subordinados a diferentes áreas do conhecimento que mantêm uma interface teórico-aplicada, com destaque para as áreas de Medicina, Saúde Pública e Odontologia.

Metodologia

A metodologia deste estudo é caracterizada pela pesquisa qualitativa com abordagem cognitiva mediante o uso das técnicas de coletas de dados grupo focal e protocolo verbal na modalidade em grupo, visando observar o desempenho de cada uma delas e compará-las no processo de verificação sobre a necessidade de aprimoramento do vocabulário controlado DeCS, categoria de Fisioterapia, a partir das falas, opiniões e das ações emitidas e executadas pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. O estudo⁴ foi aprovado pelo Comitê de Ética em Seres

4 Trabalho apresentado no 5th *Qualitative and Quantitative Methods in Libraries International Conference – QQML 2013*, promovido pela *International Society for the Advancement of Science and Technology (ISAST)*, realizado no período de 04 a 07 de junho de 2013, em Roma, Itália.

Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em reunião realizada em 16 de novembro de 2011, sob o número de processo 398/2011.

O universo de pesquisa foi um Departamento de Fisioterapia de uma universidade pública brasileira. A escolha desse Departamento/Universidade e, conseqüentemente, dessa referida área deu-se pelo fato desse campo do conhecimento possuir quatrocentos e noventa e nove cursos de graduação, onze de pós-graduação *strictu sensu*, sendo oito de mestrado acadêmico e três de doutorado (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO EM FISIOTERAPIA, 2012). Além disso, esse Departamento de Fisioterapia é responsável pela publicação da Revista Brasileira de Fisioterapia que arrola estudos de múltiplas especialidades da Fisioterapia elaborados por docentes e/ou pesquisadores de universidades brasileiras e internacionais. Tal revista é indexada nas bases de dados *Scopus*, *EMCare*, *Web of Science*, *Journal Citation Reports*, *MEDLINE* e *Scielo*.

Os sujeitos de pesquisa participantes do GF e do PVG foram dois docentes pesquisadores, dois discentes de pós-graduação, sendo um de mestrado e um de doutorado e dois discentes de graduação, respectivamente, do primeiro e último anos, de Fisioterapia, totalizando seis participantes, que utilizam o vocabulário controlado DeCS na recuperação por assunto na base de dados LILACS.

As duas coletas de dados foram realizadas no ambiente acadêmico dos participantes, acontecendo no mesmo dia, porém em períodos e horários diferentes.

Por meio do grupo focal foi possível coletar informações colaborativas para o aprimoramento do vocabulário controlado DeCS em Fisioterapia, mediante a discussão focada de três tópicos apresentados pela mediadora (pesquisadora), assessorada por um observador e um relator. São eles: 1) o DeCS atende as necessidades de recuperação de assunto na área de Fisioterapia? 2) é utilizado, além do DeCS, outro tipo de linguagem documentária para a recuperação por assunto na área de Fisioterapia, por exemplo, algum tesouro? Se sim, qual? 3) Há alguma recomendação que gostariam de fazer sobre o aprimoramento do DeCS na área de Fisioterapia? Se sim, quais?

No PVG a leitura e a discussão do texto de Rosas et. al. (1999), intitulado “Atualização dos descritores em ciência da saúde para a indexação de dissertações acadêmicas, na área de doenças respiratórias”, permitiu o acesso ao conhecimento dos sujeitos

que utilizam o DeCS na busca e recuperação por assunto na base de dados LILACS como fonte de coleta de dados qualificada.

Na sequência, foram realizadas as transcrições literais dos dados coletados pelo uso das duas técnicas (grupo focal e protocolo verbal em grupo) que juntamente com o referencial teórico e o objetivo da pesquisa possibilitaram a construção de cinco categorias de análises, visando à identificação dos fenômenos e aspectos significativos para a verificação sobre a necessidade de aprimoramento do vocabulário controlado DeCS na área de Fisioterapia, a saber: 1) Importância/Conhecimento do vocabulário DeCS; 2) Desempenho do vocabulário controlado no processo de recuperação da Informação; 3) A atualização/aprimoramento do vocabulário controlado DeCS; 4) Participação do usuário no processo de construção e atualização do DeCS; 5) Necessidade de construção da categoria de Fisioterapia no DeCS.

Resultados

Os resultados deste estudo são referentes às aplicações das técnicas de coletas de dados do GF e PVG, na obtenção das opiniões dos seis sujeitos envolvidos na pesquisa, sobre o desempenho do DeCS na busca e recuperação por assunto, em Fisioterapia, na base de dados LILACS, tendo em vista a identificação do instrumento metodológico mais adequado para tal ação avaliativa.

Dessa forma, em uma síntese analítica, pudemos observar por meio da categoria 1- Importância/Conhecimento do vocabulário DeCS que os usuários conhecem o DeCS e reconhecem a sua importância para a recuperação da informação na base de dados LILACS porém, possuem dificuldades no uso do vocabulário, causando a sua insatisfação na busca e recuperação por assunto. Os termos da área de Fisioterapia que compõem o DeCS não atendem as necessidades dos usuários que procuram outras bases de dados mais completas e dinâmicas. Exemplos:

GF – 51 Discente de Pós-Graduação – Doutorado

Porque lá é certeza de achar as coisas que você precisa, porque se for procurar na BIREME, desencana você não acha, e além do que, olha o tratamento que a PUBMed dá? Facilita muito nossa vida.

PVG - 56 Discente de Graduação – 1º Ano

Porque não tem nada, ou tá muito geral, e sei lá, parece bem desorganizada a base, pelo menos a nossa área é não sei as outras áreas, mas sempre me perco quando procuro algo.

A categoria 2 - Desempenho do vocabulário controlado no processo de recuperação da informação nos mostrou que a falta de termos específicos da área de Fisioterapia contribuem para a revocação da base LILACS e que no processo da indexação para fins de recuperação a linguagem documentária deve atender a necessidade informacional e contemplar a linguagem do usuário. Exemplos:

GF - 31 Discente de Pós-Graduação – Doutorado

No meu caso, ele viu as palavras-chave, e não eram do DeCS, eram palavras que eu coloquei, porque se alguém fosse achar elas seriam as melhores.

PVG - 34, 36 Docente 1

Mas existe também outra complicação, às vezes você está querendo fazer um estudo de revisão, então quanto mais específica for a palavra [...] menos trabalho vai dar para selecionar, fazer todos os filtros [...].

Na categoria 3 - Utilização/Aprimoramento do vocabulário controlado DeCS, pudemos observar o reconhecimento do usuário sobre a importância do uso do DeCS na recuperação da informação na base LILACS, além de ser fundamental a “educação do usuário”, como recurso de capacitação para as buscas satisfatórias de informação. Além disso, aponta a necessidade de aprimoramento do DeCS na área de Fisioterapia. Exemplos:

GF - 103 Docente 2

Não sei se seria função da base, ou da faculdade, talvez oferecer um curso que fosse para os outros cursos aprenderem a buscar, a procurar, porque eu vejo que a Biblioteconomia tem essa grande vantagem diante dos outros cursos, vocês são pesquisadores, exploradores de bases, nenhum outro curso é tão bem informado quanto o de vocês.

PVG - 182 Docente 1

[...] então eu acho que não [é o caso de] se propor uma nova base para o Brasil [...] mas aprimorar a nossa BIREME [...].

Na categoria 4 - Participações do usuário no processo de construção e atualização do DeCS, notamos ser fundamental a participação do usuário como ação colaborativa e de importância na construção/atualização de um vocabulário consistente para a busca precisa da informação em Fisioterapia. Exemplos:

GF- 95 Docente 2

Por exemplo, o que a “Fisio” daqui pesquisa, é diferente do que a “Fisio” do Amazonas, mas não se pode restringir, porque tudo é conhecimento, mas pelo menos para começar de alguma maneira, um experimental com um grupo pequeno, e mais para frente deixar aberta para todos poderem inserir, sugerir novos termos.

PVG - 68 Discente de Pós-Graduação – Doutorado

Eu tive aula com pessoas aqui, e as palavras que eu procurava eram diferentes, então não sei, eu acho que é importante pegar pessoas de todas as áreas diferentes para isso, até mesmo para a construção de algo assim na BIREME, porque os termos variam muito.

Na categoria de análise 5 - Necessidade da construção da categoria de Fisioterapia no DeCS verificamos a necessidade contínua do processo de avaliação de vocabulário controlado a partir da identificação do instrumento de coleta de dados mais adequado para atender tal finalidade. Além disso, vimos o desejo dos usuários na construção/atualização da categoria de Fisioterapia no vocabulário controlado DeCS-Descritores em Ciências da Saúde mediante a integração entre as áreas de Biblioteconomia e Fisioterapia, representadas, respectivamente, pelo profissional bibliotecário e pelo usuário/pesquisador. Exemplos:

GF- 17 Discente de Pós-Graduação – Doutorado

Acho a atualização muito importante, por exemplo, nos termos, tem “ossos” que eles ainda chamam [...] o “Tallus” que é o osso do pé, ainda de “Astrágalo”, que era como ele era chamado há uns quinze anos atrás, e agora ele é outro, então se você coloca como um nome antigo é uma coisa que eu nunca ia procurar.

PVG - 75 Docente 1

Porque não juntam nossas áreas? Fisioterapia e Biblioteconomia trabalhando juntos? Fariamos algo excelente.

A partir dos resultados obtidos, observamos que tanto o grupo focal quanto o protocolo verbal em grupo tiveram um desempenho satisfatório na avaliação do DeCS. Entretanto e uma vez que a aplicação do PVG antecedeu a do GF e que o uso de texto-base durante o PVG é um recurso significativo e colaborativo para os sujeitos participantes, observamos que o GF trouxe resultados mais consistentes com as categorias de análise do que o PGV, pois os sujeitos recorreram ao seu conhecimento prévio adquirido pela leitura realizada no referido texto, anteriormente utilizado durante a coleta de dados com o PGV.

Diante de tais constatações, propomos a integração de determinadas etapas metodológicas do GF aos procedimentos de execução do PVG na geração de uma técnica de coleta dados qualitativa com abordagem cognitiva mais adequada, pois tem-se o apoio do uso de um texto - base (dando aos sujeitos subsídios teórico-metodológicos sobre o tema em análise) que permite que as discussões/tópicos transcorram de maneira mais satisfatória, sem a perda do foco temático, juntamente com a realização de um planejamento e de um roteiro no desenvolvimento de tal metodologia.

Com isso, configuramos uma metodologia qualitativa com abordagem cognitiva de coleta de dados, nomeada por nós, de “Protocolo Focal”, formada por três etapas principais, conforme descritas a seguir:

1. Procedimentos anteriores à realização da sessão de coleta de dados
 - Seleção da equipe de aplicação do PF: pesquisador e observador. O pesquisador atuará como moderador, assistido por um observador, escolhido dentre os membros integrantes do grupo de pesquisa ou da equipe de trabalho do próprio pesquisador;
 - seleção dos participantes;
 - estrutura física para realização do Protocolo Focal;
 - elaboração do roteiro de discussão: seleção do material escolhido para a leitura (texto – base) e definição dos tópicos de discussão de acordo com os objetivos de pesquisa estabelecidos;
 - viabilidade orçamentária.

2. Procedimentos durante a sessão de coleta de dados
 - Gravação das falas dos sujeitos participantes da pesquisa, a partir das discussões dos tópicos em análise subsidiadas pela leitura do texto-base.

3. Procedimentos posteriores à realização da sessão de coleta de dados
 - Transcrição dos dados na íntegra com identificação das fontes das falas individuais;
 - leitura detalhada dos dados em busca de fenômenos significativos e recorrentes para construir categorias de análise;
 - construção de categorias de análise;
 - volta aos dados para retirar trechos da discussão que exemplificassem cada fenômeno, cada categoria.

Diante do exposto, é importante esclarecermos que Boccato (2009) em sua pesquisa de doutorado integrou alguns elementos do GF na aplicação do PVG na avaliação sociocognitiva do uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias, porém diferentemente da nossa proposta metodológica qualitativa – cognitiva do Protocolo Focal.

Considerações finais

A pesquisa científica mostra-se relevante quanto ao desenvolvimento do homem, como ser pensante, indagador e investigador da realidade que o cerca. Dentro das diversas técnicas de coletas de dados existentes no universo metodológico qualitativo científico selecionamos duas – Grupo Focal e Protocolo Verbal na modalidade em Grupo, pois elas se destacam por suas peculiaridades de aplicações, abordagens cognitivas e de análises.

Dessa maneira, as referidas técnicas mostraram-se adequadas na avaliação/verificação sobre a necessidade de aprimoramento do DeCS referentes, principalmente, em dois quesitos: 1) os sujeitos participantes têm conhecimento do vocabulário DeCS e reconhecem a importância do seu uso na base LILACS para o alcance da recuperação precisa da informação; 2) necessidade da atualização do repertório terminológico do DeCS e da construção de uma categoria específica da área de Fisioterapia.

Com isso, tornou-se viável e recomendável a integração entre as etapas metodológicas de ambas as técnicas (grupo focal e protocolo verbal em grupo) na formação de um novo instrumento qualitativo com abordagem cognitiva nomeado de Protocolo Focal.

Concluindo, verificamos a necessidade do aprimoramento e do uso constante de um vocabulário controlado atualizado na busca e recuperação da informação por assunto, em bases de dados, por usuários especialistas em Ciências da Saúde. Para tanto, recomendamos à BIREME a construção da categoria de Fisioterapia, ressaltando a importância desse campo entre as comunidades científicas nacionais e internacionais, bem como a disseminação do conhecimento produzido na área para a melhoria do cotidiano e do bem-estar da sociedade.

Agradecemos ao PIBIC/CNPq – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela concessão de bolsa de estudo de iniciação científica e à FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo que viabilizaram, respectivamente, a realização e a divulgação desta pesquisa.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO EM FISIOTERAPIA (ABENFISIO). **Instituições**. 2012. Disponível em: <<http://www.abenfisio.com.br/2012/instituicoes.html>>. Acesso em: 30 out. 2012.
- BARROS, A.; DUARTE, J. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 180-192.
- BIREME - CENTRO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE. **DeCS-Descritores em Ciências da Saúde**. [2011?] Disponível em: <<http://decs.bvs.br>>. Acesso em: 03 nov. 2011.
- BIREME – CENTRO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE. **História**. [201-?] Disponível em: <http://new.paho.org/bireme/index.php?option=com_content&view=article&id=33&Itemid=43&lang=pt>. [201-] Acesso em: 28 out. 2012.
- BISCALCHIN, R.; BOCCATO, V. R. C. Estudo do uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias: uma abordagem qualitativa-sociocognitiva pela perspectiva do usuário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** São Paulo: FEBAB, 2011.
- BOGARDUS, E. S. The group interview. **Journal of Applied Sociology**, Los Angeles, v. 10, p. 372-382, 1926.
- BOCCATO, V. R. C. **Avaliação do uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias: um estudo sociocognitivo com protocolo verbal**. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/boccato_vrc_do_mar.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2011.
- BOCCATO, V. R. C. **Instrumentos metodológicos de coleta de dados: survey, entrevistas, estudos de observação**. São Carlos: PPGCTS/CECH-UFSCar, 2010. [Material didático].
- BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Evaluación del vocabulario controlado DeCS en logopedia desde la perspectiva del usuário: un estudio de observación de la recuperación de información con protocolo verbal. **Scire**, Zaragoza, v. 12, p. 179-195, 2006.
- BOCCATO, V. R. C.; VITORINI, E. F. Estudo do uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias: uma avaliação qualitativa-sociocognitiva pela perspectiva do bibliotecário indexador. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais....** São Paulo: FEBAB, 2011.
- CAPLAN, S. Using focus group methodology for ergonomic design. **Ergonomics**, London, v. 33, n. 5, p. 527-33, 1990.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Towards a paradigm for research on social representations. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, London: Earthscan, v. 29. n. 2, p. 163-186, 1999.

CAVALCANTI, M. C. **Interação leitor-texto**: aspectos de interação pragmática. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.

COHEN, A. D. Using verbal reports on research on language learning. In: FAERCH, C.; KASPER, G. (Ed.). **Introspection in second language research**. Clevedon: Multilingual Matters, 1987. p. 82-95.

CONNAWAY, L. S.; JOHNSON, D. W.; SEARING, S. E. Online catalog from the users' perspective: the use of focus group interviews. **College & Research Libraries**, Chicago, v. 58, n. 5, p. 403-420, Sept. 1997.

DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. A Cognição profissional de catalogadores de assunto em contexto de biblioteca universitária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CRUESP, 2008. p. 1-15.

DI CHIARA, I. G. Grupo de foco. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 101-117.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. Verbal reports on thinking. In: FAERCH, C.; KASPER, G. (Ed). **Introspection in second language research**. Clevedon: Multilingual Matters, 1987. p. 24-53.

FRASER, C.; RESTREPO-ESTRADA, S. Focus group discussions in development work: some Field experiences and lessons learned. *The Journal of Development Communication*, Kuala Lumpur, v. 9, n. 1, p. 68-95, 1988.

FUJITA, M. S. L. (Org.). **A indexação de livros**: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/wcvbc>>. Acesso em: 13 set. 2012.

FUJITA, M. S. L.; CERVANTES, B. M. N. Abordagem cognitiva do protocolo verbal na confirmação de termos para a construção de linguagem documentaria em inteligência competitiva. In: VALENTIM, M.L.P. (Org). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 29-56.

FUJITA, M. S. L., NARDI, M. I. A., FAGUNDES, S. A. A observação da leitura documentária por meio de protocolo verbal. In: RODRIGUES, G. M., LOPES, I. L. (Org.) **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p.141-178. (Estudos Avançados em Ciência da Informação, v.2).

FUJITA, P. L. Protocolo verbal: técnica qualitativa para observação de estratégias de leitura aplicada ao design da informação de bulas de medicamento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE DESIGN, 8., 2008, São Paulo. **Anais...** São

Paulo: AEND, 2008. Disponível em:

<<http://www.modavestuario.com/198protocoloverbal.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E. F. **A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**: publicação interna. [S.l: s.n.], 1999. Disponível em:

<http://www.tecnologiaprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf>. Acesso em: 27 set. 2011.

HERMON, P. ALTMAN, E. **Assessing service quality**: satisfying the expectations of library customers. Chicago: ALA, 1998.

INGWERSEN, P. Search procedures in the library: analysed from the cognitive point of review. **Journal of Documentation**, London, v. 38, n. 3, p. 165-191, Sept. 1982.

KOCHANI, A. P.; BOCCATO, V. R. C.; RUBI, M. P. Política de indexação de clippings para sistemas automatizados de coordenadorias de comunicação Social em ambientes universitários. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** São Paulo: FEBAB, 2011.

LEITÃO, B. J. M. **Avaliação qualitativa e quantitativa numa biblioteca universitária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. London: Sage Publications, 1997. (Qualitative Research Methods Series, 16).

NARDI, M. I. A. **As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira**. 1993. 260 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.

NARDI, M. I. A. **A metáfora e a prática de leitura como evento social**: instrumentos do pensar a biblioteconomia do futuro. 1999. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE (Estados Unidos). **MeSH - Medical Subject Headings**. 2013. Disponível em: <<http://www.nlm.nih.gov/mesh/>>. Acesso em: 16 maio 2013.

OLIVEIRA, M.; FREITAS, H. M. R. **Focus group - pesquisa qualitativa**: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 3, n. 3, 83-91, jul.-set. 1998.

ROSAS, P. et. al. Atualização dos descritores em ciências da saúde para a indexação de dissertações acadêmicas, na área de doenças respiratórias. **TransInformação**, Campinas, v. 11, n. 3, p. 205-213, set.-dez.. 1999. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1551/1524>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

RUBI, M. P. **A política de indexação na perspectiva do conhecimento organizacional**. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rubi_mp_me_mar.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2011.

SILVA, E. G.; BOCCATO, V. R. C. Avaliação do uso de catálogos coletivos de bibliotecas universitárias pela perspectiva sociocognitiva do usuário. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 5, p. 1-18, 2012.

TANAKA, O. Y; MELO, C. **Avaliação de programas de saúde do adolescente: um modo de fazer**. São Paulo: EDUSP, 2004.

TARTAROTTI, R. DAL'E.; BOCCATO, V. R. C.; RUBI, M. P. O uso de protocolo verbal como metodologia qualitativa-cognitiva de avaliação de usabilidade em bibliotecas digitais universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. p. 1-15.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005.

Artigo submetido em: 20 nov. 2012

Artigo aceito em: 29 maio 2013